

Conclusão

E eis que percebo que quero para mim o substrato vibrante da palavra repetida em canto gregoriano. Estou consciente de que tudo o que sei não posso dizer, só sei pintando ou pronunciando sílabas cegas de sentido. E se tenho aqui que usar-te, palavras, elas têm que fazer um sentido quase que só corpóreo, estou em luta com a vibração última. Para te dizer o meu substrato faço uma frase de palavras feitas apenas dos instantes-já (Lispector, 1998:11).

Depreendemos desta passagem de Clarice Lispector o substrato como algo incorpóreo e indefinível. Sua manifestação traduz-se na vibração, nas sílabas cegas, nos instantes-já, fugidios, que não podem ser apreendidos. São apenas tentativas de descrever alguma coisa que, em sua essência não se deixa designar.

Nosso percurso deixa vestígios deste substrato e podemos enumerar algumas aproximações: o segredo, o objeto *a*, a mancha no quadro, o estranho; nomes que tangenciam o substrato sem nunca tocar o sentido.

Todos estes nomes remetem àquilo que escapa ao sujeito, mas que, no entanto, não se separam dele, pois são manifestações que dizem respeito ao próprio sujeito e lhe constituem como tal. Em relação ao sujeito, Lacan escreve:

Qual seja, a maneira certa de responder à pergunta “Quem está falando?”, quando se trata do sujeito do inconsciente. Pois essa resposta não poderia provir dele, se ele não sabe o que diz e nem sequer que está falando, como nos ensina a experiência inteira da análise (1960 b: 815).

Qualquer expressão, como a escrita ou a pintura, não captura o substrato, pois ele não aparece como palavra ou como imagem. Mas caso ele apareça, estranho como é, sem forma, quando a mancha ressalta aos olhos ou quando o vão entre as palavras se presentifica, o substrato pode capturar o sujeito, como no caso dos olhos em cena na história do personagem Natanael. Aí reside o perigo da complementaridade.

Se a tendência da ciência é almejar razões que justificam a origem da vida, o infinito traz como um “salva-vidas” o apaziguamento para a impossibilidade para tal suposto “todo-saber”.

Desta mesma forma, a medicina tenta enquadrar sujeitos em classificações e categorias específicas, oferecendo-lhes sentidos para os acometimentos, e se surpreende com casos que escapam à eficácia de tratamentos tão minuciosamente elaborados e pesquisados.

Na prática médica é possível observar a tendência em ignorar isso que Clarice Lispector denomina de substrato, desconsiderando assim a inscrição da diferença. Pois se todo substrato é inapreensível, é o sujeito que lhe traduzirá, deixando, contudo, sempre a marca do não-sentido por trás da tradução. E cada tradução será particular, tornando único cada substrato.

A ciência se pergunta: para que valorizar o substrato, se ele não tem sentido? Trata-se, pois, da busca em conferir sentido a todo e qualquer mal-estar, signo de uma diferença intransponível, encaixando os pacientes em diagnósticos, e oferecendo-lhes a cura a partir de medicações diversas.

Verificamos também o imperativo em eliminar o mal-estar, no exemplo da busca desenfreada pelos ideais de beleza. Atingir a imagem ideal, baseada em modelos pré-definidos, poderia isentar o mal-estar.

Freud, em “O mal-estar na civilização”, já afirmara que a beleza é um dos fatores da busca pela felicidade, mas advertia que “a atitude em relação ao objetivo da vida oferece muito pouca proteção contra a ameaça do sofrimento, embora possa compensá-lo bastante” (1930[1929]: 90).

E acrescenta que

Embora a ciência da estética investigue as condições sob as quais as coisas são sentidas como belas, tem sido incapaz de fornecer qualquer explicação a respeito da natureza e da origem da beleza, e, tal como geralmente acontece, esse insucesso vem sendo escamoteado sob um dilúvio de palavras tão pomposas quanto ocas (Freud, 1930 [1929]: 90).

Freud acreditava na impossibilidade de se definir o que seria a beleza. No entanto, a medicina sustenta a obtenção de um ideal e verifica-se uma forte adesão a formas corporais impostas que garantiriam uma felicidade plena que, no entanto, apenas “compensariam” o mal-estar. Conseqüentemente, a fim de manter o mal-estar afastado, muitas vezes torna-se necessário repetir e acumular operações transformadoras, plásticas e outras transformações estéticas de forma ilimitada.

São inúmeras as referências que poderíamos agrupar e que visam a obtenção da eliminação do mal-estar. Poderíamos falar de muitas delas, mas

optamos por concordar com Freud e considerar o mal-estar uma pista para a diferenciação, para a riqueza de particularidades.

E autorizamos-nos a escutar o que o mal-estar tem a dizer, incluindo-o e apostando em construções caso a caso, deixando de lado generalizações.

Encontramos na clínica tal possibilidade, a de escutar e recolher singularidades, de permitir e esperar frases sem-sentidos, sílabas vazias, e lapsos.

Retornando ao tema inicial deste texto, assim como a fobia se distinguiu das demais neuroses (histeria de conversão e obsessão), pela forma de dar destino ao afeto, observamos muitas formas novas e variadas soluções para contornar o mal-estar, a angústia, a diferença.

Observamos o que impera em inúmeras práticas, ou seja, a não inclusão da diferença como traço singular, e ao mal-estar. Almeja-se dar um destino pela via do sentido.

Cabe, portanto, aos psicanalistas atentarem para o que escapa ao sentido, recolhendo as ínfimas manifestações do substrato, incluindo-as como pequenos segredos.

Concluimos, portanto, com o objeto definido por Lacan como objeto *a*, esse substrato que Clarice Lispector ressalta no “entre” as palavras, impossível de ser dito. Uma vez localizado, retira o sujeito do mandato de sentido, revela a singularidade e a particularidade para qual escapa o sentido. Esta é a aposta clínica.